

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.º	Semest. 18 n.º*	Trim. 9 n.º*	N.º à entrega	17.º Anno — XVII Volume — N.º 570	Redacção — Atelier de Gravura Administração Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4
Portugal (franco de porte, m. forte)	3\$800	1\$900	6950	6120	21 DE OUTUBRO DE 1894	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhado do seu importe, e dirigidos á administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Cactano Alberto da Silva.
Possessões ultramarinas (idem)...	4\$000	2\$000	—	—		
Extrang. (união gera! dos correios)	5\$000	2\$500	—	—		



CHRONICA OCCIDENTAL

Hão de permitir-me hoje, meus amáveis leitores, que, por uma vez sem exemplo, abrindo uma excepção aos meus hábitos de chronista do OCCIDENTE, vá buscar ao estrangeiro o assumpto para esta minha chronica.

E justifico o pedido d'esta excepção com duas razões que me parecem excellentes: a primeira, o interesse do assumpto que vou buscar e que se refere a uma individualidade artistica celebre em todo o mundo, e muito conhecida e muito querida em Portugal; a segunda razão que dispensaria a primeira, diz-me respeito sómente a mim, a difficuldade em que o agravamento da impertinente doença que ha semanas me incommoda, me collocou de estar a procurar assumptos, que só poderia tratar curando por informações, visto a enfermidade me trazer afastado de todos elles.

E dito isto em guisa de prefacio, vamos ao assumpto que me seduziu e que com certeza interessará todos que me lerem, como me interessou a mim, porque diz respeito a uma artista que tem tido o condão de n'estes ultimos quinze annos ser o grande acontecimento theatral não só da França, não só da Europa, como tambem do mundo inteiro — a grande Sarah Bernhardt.

Não ha ninguem no mundo que não conheça pelo menos de fama, de reputação o nome glorioso da grande artista, mas o que quasi toda a gente ignora, mesmo aquelles que mais enfrontados andam em coisas de theatro e em historias de bastidores, é como foi que Sarah Bernhardt começou no theatro de que havia de ser a mais refulgente gloria, como foi o alvorecer na scena d'esse astro destinado mais tarde a ser a estrella de primeira grandeza no vasto céu da arte contemporanea. E exactamente por quasi todos ignorarem os primeiros passos de Sarah Bernhardt no theatro, é que nós achámos um grande interesse na narrativa dos *debutes* da famosa artista, contados por uma testemunha occular, pelo sr. Duquesnel, o antigo socio do actor Chilly, na direcção do theatro do *Odeón*, narrativa que ao mesmo tempo que tem um grande interesse como subsidio para a historia dos artistas dramaticos francezes no ultimo quartel do seculo XIX, é como exemplo,

d'uma grande consolação para todos aquelles que ao darem os seus primeiros passos no theatro encontram na sua frente a hostilidade cruel do publico e da critica, que sem a mais ligeira cerimonia, sem a mais pequena hesitação se atreve a lançar-lhe um veredictum condemnatorio, como aconteceu com o nosso grande Tabora, a quem Emilio Duux, mandou tratar d'outro officio, como aconteceu ao nosso illustre Valle a quem o seu primeiro ensaiador disse que pelo theatro nunca faria cousa alguma.

Mas vamos aos debutes de Sarah Bernhardt.

No mez de junho de 1866 Duquesnel, então socio do actor Chilly, na direcção do Odeon, como já dissemos, andava a procura d'uma ingenua para o seu theatro e passeava pelo *boulevard* de mãos nas algibeiras e nariz para o ar, como que esperando que do céu lhe cahisse a ingenua desejada.

Do céu não lhe cahiu coisa alguma, mas na terra esbarrou com Camille Doucet o auctor dramatico então já illustre e chefe da repartição dos theatros no ministerio das Bellas Artes.

— O que é isso? Para onde vae? Anda assim

com ares de Diogenes quando procurava um homem? disse-lhe Camille Doucet.

— Não é um homem, é uma mulher, que eu procuro. O sr. que conhece o pessoal regular e irregular de todos os theatros não me poderá indicar uma ingenua?

— E' boa! não esteja com cerimonia: porque não me pede logo a lua?

— A lua não, não quero tanto, basta-me uma estrella, uma estrellinha!

— Espere ahí. No anno passado no concurso do conservatorio appareceu uma rapariga com certas qualidades — uma menina Sarah Bernhardt. Vi-a depois no theatro francez onde debutou sem dar que fallar de si: depois representou no Gymnasio no *Demonio do Jogo* do Barriere, e perdi-a de vista. Ella é muito facil de perder de vista, quasi que não se vê, é muito aerea, fluida...

— E tem talento?

— Talento? Quer uma Rachel ou uma Dorval? Tem mocidade, tem habilidade e já é muito: o talento não vem senão mais tarde, com os cabellos grisalhos: mas falle com ella.

— Onde mora? Onde posso encontral-a?

— Sei lá! procure a.

A sorte protegeu Duquesnel.

Ao separar-se de Camille Doucet, logo, d'ali a nada, encontrou Theodoro Barriere. Perguntou-lhe logo pela Sarah Bernhardt.

Barriere estava furo com ella por que se satara do theatro sem dar cavaco e deixando em meio as representações do *Demonio do Jogo*.

— Bem sei quem é. E' uma alta, chata, parece uma espada de soldado d'infanteria. E' branca como papel de cartas; tem olhos de faiança, cabellos de crina e uma voz de mirliton. Nunca pára no mesmo sitio, mas se contas com ella para salvar o theatro vae tomando as tuas precauções e arrançando outra para reserva, sempre pelo sim pelo não.

Passado o seu primeiro momento de mau humor Barriere, continuou desfazendo um bocadinho o mal que tinha feito.

— No fim de contas, a tal Sarah, pode ser que não seja muito má de todo. Olha, tem uma vantagem sobre as outras, é nova, o que já é bastante, e tem 32 dentes emquanto que eu conheço muitas ingenuas que não tem senão 24 e ainda assim, montados em ouro, o fructo de todas as suas economias. Experimenta a Sarah, no Odeon, experimenta.

Se Theodoro Barriere bem lh'o disse, Duquesnel melhor o fez. Descobriu onde morava a Sarah Bernhardt, e escreveu-lhe pedindo-lhe que lhe fosse fallar.



FERNANDO DE MAGALHÃES E MENEZES — NOVO GOVERNADOR GERAL DA PROVINCIA DE MOÇAMBIQUE

(Copia de uma photographia do sr. Fonseca & C.ª)

Um dia, conta Duquesnel, uma criada ingleza velha que elle tinha e cuja orthographia fantastica era a alegria de Alexandre Dumas, pae, entrou-lhe pelo quarto dentro muito afflicta.

— Senhor, senhor, está lá fora uma senhora chinesa que lhe quer fallar.

— Mande entrar disse-lhe elle cheio de curiosidade.

A tal chinesa entrou e Duquesnel achou-se defronte da creatura mais idealmente encantadora que se pôde sonhar.

Sarah Bernhardt aos 20 annos, isto dispensa qualquer descripção.

Não era bonita, era muito peor do que isso.

Sarah vestia uma especie de *blouse* de crepe da china, de côr clara, bordada a cores vistosas, á maneira chinesa — e d'ahi o engano da criada: braços e colo semi nús; um leque de pennas á cintura, no alto da cabeça um telhadinho de palha com guisos á roda, que se agitavam ao mais ligeiro movimento.

A traz d'ella uma criada trazendo ao collo um pequenino rosado — Mauricio Bernhardt.

«A nossa entrevista foi rapida, diz Duquesnel. Percebi logo que me encontrava na presença d'uma creatura maravilhosamente dotada, intelligente até ao genio, d'uma grande energia, sob apparencias debeis e delicadas, e d'uma vontade selvagem.

A mulher era encantadora, fascinadora: enquanto á artista sentia se vibrar por dentro da mulher: bastava abrir-lhe caminho, pôl-a em luz.

A voz, pura como o cristal, ia direita ao coração, e as suas vibrações eram doces como uma musica celestial. Tive vontade de correr todo o Paris gritando como Archimedes, «*Achei*», diz Duquesnel e foi apressal-a ao seu socio.

A impressão que Sarah produziu no actor Chilly foi muito differente. O socio de Duquesnel achou-a magra de mais e unicamente para lhe ser agradável a elle escripturou-a com o ordenado de 100 francos por mez, e ainda assim a contento, com a condição de poder rescindir lhe o contracto no fim do 1.º mez, se ella não lhe agradasse.

Sarah accitou o contracto rindo, não fazia questão de dinheiro, o que queria era um bom papel.

No dia 15 de agosto — representação gratuita por occasião da festa do Imperador — Sarah debutou no papel d'Arcia na *Phedra* e na *Sylvia* do *Jeu de l'amour et du hasard*.

Foram dois fiascos na mesma noite e no fim do mez Chilly participou a Duquesnel que não podia ter bocças inúteis na companhia e que por isso despedia a Sarah Bernhardt.

Duquesnel que não estava convencido de que se tivesse enganado, que acreditava apesar de tudo no talento de Sarah, e que além d'isso não se atrevia a dar aquella má noticia á pobre rapariga, propoz ao seu socio a seguinte transacção — não despedir a Sarah e pagar-lhe os 100 francos mensaes, descontando os do ordenado que lhe pertencia a elle Duquesnel.

Chilly accitou e foi assim que durante muito tempo Sarah esteve no Odeon, julgando-se escripturada pela empreza e sendo paga do bolsinho particular de Duquesnel, que apesar dos successivos desastres da sua protegida nunca perdeu a confiança no seu talento.

Durante o 1.º anno a critica foi muito hostil a Sarah Bernhardt. O publico foi menos hostil que a imprensa e os estudantes tomaram-n'a sob a sua protecção e foram os unicos que advinharam n'ella a grande actriz.

O seu primeiro *successo* foi em fevereiro de 1868 n'uma reprise do *Kean*, em que ella fazia o papel de Anna Damby.

A representação foi tempestuosa. Todos os artistas foram assobiados, na sala havia um charvari enorme. Sarah entrou em scena e foi recebida a assobio como todos os artistas, mas começou a declamar e por um phenomeno inaudito a sua voz d'ouro operou o milagre famoso da Lyra d'Orpheu. O publico foi dominado, fascinado por aquella voz encantadora e a recita do *Kean* acabou n'um triumpho colossal para Sarah Bernhardt.

E á sahida do theatro, Chilly, que era um homem de bem, um homem de boa fé, foi ter com Duquesnel e disse-lhe:

— Tinha razão, eu é que me enganei. Vou reembolsar o de todos os 100 francos que mensalmente ha dois annos lhe tenho descontado para pagar a Sarah e vou lhe augmentar ordenado a ella. Tem merecimento, tem feito progressos e pôde em caso de necessidade substituir Jane Essler.

E aqui tem como Sarah Bernhardt deu os seus primeiros passos no theatro, e vão lá saber o que seria feito da grande artista se Duquesnel a não tivesse mantido á sua custa, do seu bolsinho, no

Odion durante os dois longos annos da sua rude e desanimadora aprendizagem.

E depois d'isto atreva-se ainda alguém a fazer vaticínios ácerca de debutantes e a repellir, sem appellação nem agravo, aquelles que principiam, por peores que elles pareçam!

Gervasio Lobato.

GENERAL FERNANDO DE MAGALHÃES DE MENEZES

GOVERNADOR GERAL DA PROVINCIA DE MOÇAMBIQUE

Se Fernando de Magalhães não fôra filho do coronel realista José de Magalhães de Menezes, que não podendo já defender a bandeira do seu regimento a arrancou da haste e envolveu com ella o peito, como mortalha do seu coração leal; se se tivera quebrado na sua familia de valentes a tradição guerreira, diríamos ao vól o que haviam resuscitado n'elle por atavismo os caracteres d'aquelles fortes e energicos *ricos-homens* d'Alem-Douro, que fizeram independente e livre esta terra portugueza, dependente e escrava a terra do Oriente, empunhando, ora a lança, ora o leme, e cortando sempre a direito por terra e mar o caminho da conquista, o caminho da gloria.

Sem nunca haver feito uma campanha de guerra, tem na sua bella cabeça de militar como que os sulcos gravados pelas commoções de muitas batalhas. No gesto franco e energico como que ageitado de ha seculos o habito do mando. No seu olhar bom e leal como que o reflexo longinquo da cavalheirosa dedicação com que seus avós morriam pelo rei e pela patria.

E' da materia prima de que se fazem os heroes e só um grande ensejo lhe ha faltado para que se fizesse a revelação do que pôde e do que vale.

Disemos: um grande ensejo, porque a revolta de 31 de janeiro, se foi o bastante para lhe fazer uma reputação, não o foi para lhe formar um pedestal.

Todavia, se pelo dedo se conhece o gigante, pelo desembaraço e intrepidez com que se houve na organização da defeza pelas forças leaes se pôde aquilatar da sua energia e valor, quando estimulado pela consciencia dos mais sagrados e patrioticos deveres.

Nascido aos 13 de setembro de 1840, alistado aos 19 de julho de 1862, promovido a alferes aos 3 de janeiro de 1886, coronel aos 30 de junho de 1893, eil o general de brigada aos 27 de junho, de 1894, pela sua nomeação para governador da provincia de Cabo Verde, d'onde foi transferido para a de Moçambique. Por titulos scientificos, tem os de bacharel em mathematica pela Universidade de Coimbra e do curso de official do corpo d'Estado Maior.

Foi bem amargurado o seu debute na administração d'esta ultima provincia por um facto, de que lhe não cabe a culpa, mas que pôz a bem cruel prova o seu coração de portuguez. Foi no dia da sua posse, n'esse mesmo dia, que recebeu o telegramma annunciando-lhe o desembarque dos allemaes na bahia de Kionga. E nenhum meio de reagir, nem tropas, nem navios! Para oppôr ao menoscabo dos nossos direitos, anodinos protestos, sem a sanção da força.

Não se succederam áquelle dia memoravel dias mais tranquilos e mais despreocupados. Imperavam por quasi toda a parte a illegalidade, o abuso, o desleixo e o roubo. Predominava o mais revoltante egoismo e o mais completo desprezo dos interesses publicos.

Com a intolerancia que a imprensa de Lisboa quer que se tenha com elle, procedeu Fernando de Magalhães a uma limpeza tão rapida e immediata, que a grasnada dos corridors, ou caçados, já chega a Lisboa e não tardará que seja d'ensurdecer.

Aqui de longe os amigos, os socios, os agentes dos de lá, sem nada conhecerem dos successos, já o accusam de negligente, porque não gritou logo por soccorro á primeira vozaria do gentio, como o accusariam de cobarde, se houvesse, logo no primeiro dia, bradado de Lourenço Marques: Valham-me por misericordia!

Triste campanha, ignobil emprehendimento, o d'estes pseudo-patriotas, que pedem, voz em grita, funcionarios intelligentes, honestos, energicos para o ultramar — e que se ajuntam em côro aos bebados e ladrões que refilam contra o latego que os flagella.

Triste e ingloria campanha, porque hade sobrenadar á mentira e á calumnia a verdade dos factos, que de dia a dia vem transparecendo; e já agora, governador ou não, Fernando de Magalhães

ha de arrancar a mascara a criminosos, e aos tartufos que os protegem, e castigar os, elle, ou fazer-os julgar e condemnar pela opinião publica.

Fernando de Magalhães, aqui o juramos, ha de cumprir o seu dever até ao fim; e, se fôr interrompido na sua tarefa honesta, mostrará o caminho ao seu successor.

Estão-se jogando os destinos do paiz n'aquella ambicionada bahia de Lourenço Marques; e, se a diplomacia é para cá, para alli é a força defendendo o direito, com o direito justificando a força, que se torna mister. E' preciso que o mundo se convença de que estamos finalmente dispostos a morrer com honra, de preferencia a viver com ignominia, se não todos, se não os que continuam nas encruzilhadas de Lisboa as tôrpes campanhas da politica facciosa ou interesseira, ao menos esses punhados de valentes, que alegres vimos e veremos partir a defenderem a patria que se prolonga para além dos mares.

E quem melhor do que Fernando de Magalhães para conduzir esses bravos á morte, ou á gloria!

Ferreira de Castro.

NOVO ESTABELECIMENTO BALNEAR E HYDROTHERAPICO DO ESTORIL

E' sobejamente conhecida a virtude therapeutica das excellentes aguas chloretadas do Estoril. A sua efficacia no tratamento das doenças cutaneas e em geral no de todas as affecções herpeticas, grangeou-lhe desde remota data a mais bem merecida reputação.

O proprietario d'estas thermas, o ex.^{mo} sr. José Vianna da Silva Carvalho, desejoso de proporcionar aos enfermos, que procuram allivios em tão beneficas aguas, todos os meios de poderem tirar do uso d'ellas o maior proveito possivel, acaba de erigir, ao lado do antigo estabelecimento thermal, um outro, onde pela melhor fórma que a sciencia aconselha, todas as applicações hydrotherapicas usuaves podem ser commodamente ministradas.

E não só para o completo aproveitamento das aguas mineraes nativas da localidade se acha disposto o novo estabelecimento. A proximidade do Oceano suggerio naturalmente a idéa de utilizar tambem a agua salgada para as differentes applicações, em que tão util e, tanto fria como quente.

Situado no meio de um aprazivel parque, e fronteiro quasi á estação da linha ferrea de Cascaes que serve a pitoresca povoação do Estoril, o novo estabelecimento das thermas, construido no mais rigoroso estylo arabe, offerece á vista um aspecto agradabilissimo, emergindo de entre os macissos do arvoredo com a brancura das suas cantarias e os caprichosos rendilhados da sua decoração. A nossa gravura, copia de photographia, representa a fachada principal do novo edificio, a que dá accessos uma larga avenida, orlada de palmeiras e outras plantas ornamentaes.

O plano de toda a construcção, tanto na sua distribuição geral como nas menores minudencias decorativas, é devido á incontestavel aptidão e aprimorado bom gosto do ex.^{mo} sr. General Vasconcellos e Sá, que n'esta obra deixa perduravel testemunho da sua muita competencia e altas faculdades artisticas. Engenheiro constructor por mero *diletantismo*, e desenhador eximio, poucos amadores da arte poderão, como elle, orgulhar-se de haverem attingido nas manifestações do seu engenho tão elevado grau de perfeição. O edificio, de que nos estamos occupando, é sem a menor lisonja uma obra digna do maior apreço, que um verdadeiro architecto, de reputação bem firmada, não duvidaria subscrever com o seu nome.

O novo estabelecimento de banhos apresenta em planta a forma rectangular, tendo ao fundo um annexo para a installação dos machinismos. A' frente fica o salão d'espera, sala de pulverisações, e gabinete de consulta medica. Dos lados e ao fundo são os quartos para banhistas (lado esquerdo para senhores e direito para homens), ficando ainda na parte posterior do edificio as salas para *douches* e as camaras d'atmosfera humida. O centro do edificio é occupado por uma grande piscina circular, coberta por uma elegante cupula metallica, de que apenas o lanternim se vê na gravura, e que aliando á solidez necessaria um traçado ligeirissimo, está perfeitamente em harmonia com o estylo architectonico geral.

O annexo das machinas é uma installação de primeira ordem, perfeitamente á altura do resto do estabelecimento. A começar pelo *gerador* do vapor, systema Belleville, que é no seu genero um dos melhores conhecidos, pois que a um enorme poder de vaporisação allia entre outras vantagens

a de ser inexplorável, tudo ali mostra haver sido planeado e ordenado com a maior largueza, previdência e discernimento.

O motor é uma machina vertical, de *pilão*, a qual impulsiona duas bombas d'acção continua, sendo uma especialmente destinada aos pulverisadores e satisfazendo a outra, de maiores dimensões, ás restantes necessidades do estabelecimento. Esta ultima, aspirando da praia a agua do mar e d'um deposito especial a agua mineral chloretada, ou lança ambas immediatamente na canalisação geral do edificio, ou as armazena em reservatorios proprios, d'onde o ar comprimido as expelle depois na direcção conveniente. Para este fim ha um jogo de torneiras, engenhosamente combinado, o qual se deve, bem como todo o systema de distribuição das aguas, projecto e assentamento dos machinismos, ao bem conceituado e conhecido industrial A. Pinto Bastos.

O vapor, depois de ter actuado na machina motriz, é aproveitado para o aquecimento de um grande reservatorio d'agua, collocado em plano bastante elevado para que o seu conteúdo chegue com facilidade aonde seja necessario. Independentemente porém d'este meio, toda a agua empregada no estabelecimento pode ser elevada á temperatura, que se desejar, nas proprias torneiras de sahida, que para esse fim são munidas de injectores de vapor, directamente alimentados pelo *gerador*. A piscina possui igualmente um injecto de grandes dimensões.

Para complemento d'esta noticia diremos ainda que toda a canalisação do edificio é exterior ás paredes, encerrada em caixas de madeira, o que permite inspecções ameadadas e grande facilidade de reparação. Finalmente um systema de campainhas electricas e tubos acusticos, tornando facil o bom serviço dos empregados, garante a maior commodidade ao publico.

A inauguração official d'este bello estabelecimento só poderá realisar-se na primeira futura epocha balnear, porquanto certos trabalhos d'acabamento, como estuques, pinturas etc, não poderão ficar concluidos antes. Entretanto já este anno tem sido utilizado por numerosos banhistas.

Além de banhos simples de immersão, de agua mineral e do mar, a qualquer temperatura, em piscina ou em banheiras, haverá *ouches* de toda a especie, incluindo os perineas (banhos de cadeira), pulverisações, injectões para fossas nasas e ouvidos, e inhalações de atmospheria humida.

Resta nos fazer votos pela completa prosperidade do novo estabelecimento, e felicitar o seu illustre proprietario pela rasgada iniciativa e inextinguível bizzarria, com que metteu hombros a tão humanitaria e util empreza.

C. E.



AS NOSSAS GRAVURAS

UM HAREM TURCO

Representa a nossa estampa o interior de um *harem* turco. Ahi se vêem duas formosas odaliscas sentadas nos coxins, que respiram alta volupia, e servidas por um ennuco ou escravo negro.

Como curiosidade daremos, agora ao leitor uma pequenina noticia da constituição do *harem*.

As mulheres do *harem* são todas escravas, trazidas de Circassia e de Georgia, as mais formosas. Entre essas mulheres, escolhe o sultão as suas esposas e apesar da prohibição do *Koram* que só lhe permite ter quatro, elle tem cinco e sete. Estas esposas até certo ponto legitimas, tem o nome *gulin* (senhoras) não sendo todavia intituladas sultanas. Chamam-se *odalig* (camareiras, e por corrupção odaliscas) todas as outras mulheres do *harem*. Toda a odalisca que recebeu a honra de ter attraído o sultão, é posta em outra camara separada e servida por escravos e ennuco particulares. A primeira que dá ao sultão um descendente tem direito ao titulo de *khassègni sultan* (sultana favorita). A que dê em seguida um filho ao seu senhor toma simplesmente o nome de *favorita* (*khassègni*) e goza de certos privilegios e recebe para *bachmaqliq* (a prata das suas *chinellas*) ou como nós diriamos: para os seus alfinetes, uma quantia nunca inferior a 25.000 piastras.

A *validè sultan*, ou mãe do sultão reinante, goza de mais largos privilegios; só ella tem o direito de trazer o rosto descoberto para que todos a reconheçam e lhe rendam as homenagens devidas. As sultanas não tido em todas as epochas

grande influencia quando os seus filhos são elevados ao throno.

Durante o inverno, as mulheres habitam o *harem de inverno* e no verão habitam o *palacio novo* que é á beira-mar. Ali se conjugam todas as commodidades casando-se com o mais esplendido luxo: banhos, jardins, kiosques, pavilhões, tapetes, galerias, etc.

A guarda do *harem* do sultão está confiada a ennuco negros cujo chefe tem o titulo de *girler aghasi* (chefe das donzellas ou de *dariseadet aghasi* (chefe da casa de felicidade).

Todos os ennuco ou *gaponoghantar*, (porteiros) estão submettidos á sua auctoridade.

Ainda outros empregados, entre os quaes dois *imans* (medicos). O *girler aghasi* é quem dirige todos os negocios do *harem*. Uma coisa curiosa: este chefe possui um *harem* para seu proprio uso.

O *harem* persa pouca differença nos mostra do turco. Para os mussulmanos o *harem* tem um tanto ou quanto de poetico, pois lhes dá intrinsicamente o seu paraizo com as sonhadas *houris* prometidas pelo propheta.

MANUEL FERNANDES VILLA-REAL

E O SEU PROCESSO NA INQUISIÇÃO DE LISBOA

(Continuado do numero 569)

XIV

Estivera só Villa Real no principio (assim o mandava o *Regimento*), e assim se conservou até algum tempo depois dos jejuns, o ultimo dos quaes teve logar a 29 de Abril de cincoenta; ahi porém pelo mez de Junho d'este anno, como já dissemos, foi-lhe dado por companheiro Francisco Gomes Netto, christão-novo, natural de Lisboa e em Lisboa morador, preso tambem por culpas de judaismo; com quem viveu vinte e nove mezes e de quem o separaram a 17 de Novembro de cincoenta e dois. Apartado de Gomes Netto, Villa-Real no dia seguinte compareceu ante os inquisidores e confessou o seguinte: Até áquella hora observara a lei de Moysés; ajudara-o n'isso muito o seu companheiro, o qual para guardal-a jejuava judaicamente; fazia a cama á sexta-feira, e ás vezes com roupa lavada, quando a tinha; na sexta-feira varria a casa, lavava a loiça e limpava o candieiro; nas luas da Paschoa de Março não comia pão, por não ser asmo; nos sabbados não trabalhava em nada; e jejuava muitas vezes dois e três dias seguidos, sem n'elles comer senão no fim do ultimo; jejuava tambem, ora com o companheiro, ora ás semanas; em muitos sabbados comeram ambos carne, que guardavam da quinta-feira; para imitar Gomes Netto, passou muitos dias e noites sem se deitar na cama, dormindo no estrado e só se deitando ao sabbado; resavam juntos os psalms sem gloria Patri, e elle réo fazia confissões geraes de seus peccados a Deus todos os dias três vezes em cada dia e noite, e resava pelas contas que trazia nas mãos, para mostrar, se o vissem, que era christão; nos seis mezes antes de preso fez alguns jejuns nas segundas e quintas-feiras e no dia grande do mez de Setembro e no tempo das três semanas, que cahem na lua de Junho, os quaes seriam seis ou sete; em França comprara o livro *Ritti hebraici* que dera ao marquez de Niza; quando elle réo e Netto jejuavam, botavam o comer aos gatos e ás gallinhas; com a gordura da carne, lixo da casa e calça formara um betume com que tapara os buracos das estacas, e outros que havia nas paredes, para melhor pintar e escrever algumas coisas por passatempo; subira no estrado, que para isso empinara, tapara dois buracos que achou na abobada do quinto carcere do Corredor Meio Novo, sete mezes depois de estar n'elle, e tendo já Netto por companheiro, a fim de não serem vistos nem ouvidos; e o mesmo fez, sendo mudado com o Netto para a primeira casa do Pateo Cano; sendo mudados ambos para a nova casa do Pateo Novo, observando na abobada d'ella tambem buracos, por detraz dos quaes se via claridade, não os quiz tapar e descontinuu os jejuns, tendo só feito n'este carcere três em Setembro e Outubro proximo-passados com o companheiro, não deixando comtudo de praticar as cerimoniaes que declarara.

Isto foi a 18 de Novembro; e três dias depois, a 21, Gomes Netto confessava ante a Mesa que Villa-Real fizera juntamente com elle muitos jejuns e practicas judaicas, e, o que é mais, ao contrario da asserção do seu companheiro, que fôra este que o induzira com o exemplo a arrear-se e a continuar na lei de Moysés. Estas mutuas accusações merecem credito limitado; não desconhecemos entretanto que a união de presos de judaismo no mesmo carcere devia estimular os a permanecerem na sua crença, e, porventura, a sua junção obedecia da parte do Santo-Officio ao proposito de experimental-os na fé que seguiam ou aparentavam e de esclarecer a verdade, ou accumular provas para os comprometter, servindo-se das recriminações de uns contra os outros, com que procuravam attenuar ou encobrir as proprias culpas, e que ás vezes lhes eram arrancadas no meio de insupportaveis tormentos.

Depois das duas confissões que acabamos de summariar Villa-Real estava perdido. Senão vejamos o assento da Mesa datado do mesmo dia 21 e confirmado a 22 pelo Conselho, cujas forças são as seguintes: Não

ficava alterada a decisão anterior, que mandava entregar o réo á justiça secular, porque não confessara os jejuns que fizera no carcere, estando ainda sem companheiro e após ter confessado culpas de judaismo, antes, manifestamente mostrava querer encobrir, indicando outros feitos nos seis mezes anteriores á sua prisão e acrescentando que os que fez no carcere foi em companhia de Netto; porque primeiramente declarara ter até então permanecido na lei de Moysés, e agora na ultima confissão ter sempre continuado nas suas cerimoniaes; porque, segundo a fé do notario, ¹ depois d'esta ultima confissão dera a entender que ella era do que havia feito exteriormente e não do que guardava no coração, signaes evidentes da sua impenitencia; ao que muito ajudava «ser o réo habil e muito presumido de sabio», e que portanto não deixaria a sua antiga e arreigada crença communicada por elle com tanta gente, sem declarar seus irmãos que tinha em Lisboa, nem pessoa alguma que residisse n'esta cidade, e «ser tão manhoso que atinou com os buracos das vigias dos carceres e tapou as da quinta casa do Corredor Meio Novo e da primeira do Pateo Cano», d'onde proviria grande prejuizo á Inquisição, divulgando-se este segredo tão importante, o que tudo muito se devia attender, ainda no caso de o réo poder escapar com vida.

XV

Entretanto approximava-se o desenlace fatal e preparavam-se todas as coisas necessarias ao auto que devia ter logar no domingo, 1 de Dezembro (era o domingo sempre o dia destinado á lugubre cerimonia). Armava-se o cadafalso para elle na grande praça do Terreiro do Paço, tão diversa então da de hoje, porque tudo destruiu o espantoso terremoto de 1755 e o incendio subsequente: o famoso palacio real, edificação de el-rei D. Manuel e os varios e irregulares edificios que o cercavam, e porque tudo foi substituido pelas construcções pombalinas que vemos agora. A um dos lados da praça, o oriental, junto á Casa dos Contos, encostava-se o terrivel theatro, onde a intolerancia religiosa e as ideias barbaramente exclusivas da epocha representavam os seus espectaculos. A fabrica de madeira, que para o effeito ali se levantava por aquelles tempos, abrangia uma area extensa, uns cento e quarenta e cinco palmos de fundo por outros tantos na sua maior largura. Ao meio do lado do fundo, o da Casa dos Contos, ficava o altar de Christo; á direita d'este o logar do bispo inquisidor e o dos senhores do Conselho; á esquerda o dos bispos e o guião do Santo-Officio; logo depois, já no lado esquerdo ou do sul, o do cabido, tendo nas costas três casas que a este pertenciam; á esquerda das mesmas três dos secretarios, e a escada por onde desciam os penitentes que iam a queimar; e em frente da ultima das ditas casas o pulpito para os sermões que na solemnidade se pregavam; do outro lado, o direito ou do norte, em continuação aos senhores do Conselho, via-se o estrado dos revedores; atraz d'elle o dos inquisidores e deputados, e atraz três casas para os inquisidores; e, proseguindo, o logar destinado ao collecto; em cujas costas havia um pateo que servia de entrada para o cadafalso. Todas estas divisões formavam os três lados da metade mais larga da construcção. No meio d'elles abria-se um espaço desimpedido. A outra metade, alguma coisa mais estreita, era occupada por uma parte do dito espaço, e por muitos bancos em platea, que corriam em toda a largura virados para o lado onde estava o altar de Christo, e nos quaes se assentavam os penitentes com os familiares. Á frente do primeiro d'estes, ao meio, erguia-se o altar das abjurações. De uma das janellas da Casa dos Contos, situada acima do logar dos senhores do Conselho, costumava assistir Sua Magestade.

Este o theatro; vejamos agora os preparativos para a fúnebre representação.

No domingo anterior áquelle em que a mesma devia realisar-se, a 24 de Novembro, de manhã, o inquisidor mais antigo foi participar a El-Rei que o auto se publicava n'esse dia em todas as egrejas de Lisboa, e pedir-lhe ordenasse ao capitão da guarda que pelos tudescos fizesse guardar as portas do cadafalso, para ninguém entrar sem ordem do corregedor da corte, que estaria presente; em seguida executou-se a publicação em todas as egrejas, determinando-se por apostolica auctoridade que em nenhuma houvesse no dia do auto sermão ou precissão; nomeou o inquisidor geral um desembargador para n'elle tratar do despacho dos relaxados; chamou-se um pintor para pintar os seus retratos e os habitos afogeados que haviam de levar; avisou-se o juiz e o thesoureiro do fisco para comparecerem; tomaram-se a rol os familiares residentes na cidade para acompanharem os penitentes, declarando-se quaes os velhos para irem com as mulheres; e escolheram-se alguns clerigos bons leitores e de boa voz para lerem as sentenças; na quinta-feira mandou-se dizer por um notario ao collecto e ao prelado da diocese e por um solicitador ao cabido da sé que teriam os seus logares no auto, se quizessem, e pelos familiares aos prelados dos conventos que a elle enviassem alguns religiosos; na sexta-feira de manhã avisaram ao regedor pelo meirinho do Santo-Officio que passasse as ordens necessarias para julgar e executar os relaxados e pediram-lhe determinasse aos ministros da justiça que acompanhassem a precissão e estivessem no cadafalso e á porta do pateo da Inquisição; no mesmo dia, tambem de manhã, preveniram-se

¹ Terminadas as confissões do réo, o inquisidor que estava presente e o escrivão que as escrevia declaravam a fé que prestavam ás mesmas, para que a todo o tempo constasse o credito que se lhes devia dar. Isto depois de recolhido o preso ao seu carcere.

os religiosos que haviam de prestar o seu auxilio espirital aos condemnados para se apresentarem no tribunal da uma até ás duas da tarde; notificou-se aos relaxados por um notario que o estavam; ataram-se-lhes as mãos e deram a cada um um padre que lhe cuidasse da alma, cabendo ao pobre Villa-Real ser amarrado pelo guarda Bernardo João e ajudado pelo jesuita Matheus de Figueiredo; mandou-se recado ao thesoureiro da capella d'El-Rei para fazer armar os altares do cadafalso e ao reposteiro-mór para o fazer revestir de pannos, como era uso; no sabbado de manhã avisaram-se os familiares que deviam acompanhar os presos para se acharem no pateo da Inquisição no domingo de madrugada, e o prior de S. Domingos para mandar a comunidade a hora marcada, a fim de levar o guião de S. Pedro Martyr e de entrar na procissão; e juntaram-se as sentenças aos processos; á tarde chamaram-se os homens que deviam conduzir as estatuas dos condemnados e as arcas dos processos; os quaes dormiram no pateo da Inquisição, para estarem promptos logo de manhã cedo; á noite fizeram-se quatro copias da lista dos presos que iam no auto: uma para o alcaide, na qual se puzeram só

se desmandassem; os penitenciados em numero de cincoenta, sendo vinte e oito homens e vinte e duas mulheres, cada um com o seu familiar; o capellão do carcere da penitencia, levando nas mãos erguido o crucifixo e rodeado de seis familiares com tochas; e logo após cinco relaxados: quatro homens e uma mulher, com os religiosos que lhes assistiam; dois em estatuas, por haverem morrido nos carceres; e varios ministros da justiça para os livrarem do furor e das violencias do povo fanatico. Pouco depois de sahir a procissão do pateo inquisitorial, partiram para o auto as arcas dos processos com dois familiares; e interposto o tempo necessario para ella entrar no Terreiro do Paço, os inquisidores e mais ministros do Santo-Officio, a cavallo, precedendo-os o meirinho com a vara levantada.

Chegado o acompanhamento ao cadafalso, presentes El-rei e a familia real, tomados os seus logares pelo inquisidor geral, D. Francisco de Castro, bispo da Guarda, e pelos senhores do Conselho, inquisidores, deputados, cabido e mais pessoas para elle convocadas, subiu ao pulpito frei Luiz de Scusa, abade geral de Alcobaça, e portanto esmoier-mór, e prégou o

nhas naturaes, com a respectiva letra em grossos caracteres gothicos, tem as letras iniciaes muito bem desenhadas, bicoloridas.

E' muito original a miniatura que illustra a primeira folha a qual á esquerda, de alto a baixo, se desenvolve em arabescos guardando figuras e animaes. Começa por um morcêgo de azas abertas.

E' muito bonita d'arabescos a letra inicial, é um R.

Como dissémos principia este livro com o officio da Paschoa. Vê-se, pois, encimando a primeira pagina: *In die sancte resurrectionis ad missam. Introitus.*

Livro de Missas, livro sexto. Principia no domingo da Paixão.

E' em pergaminho de tamanho maximo. E' livro de cantochão e pertence ao seculo xvi.

Como manuscripto illuminado nada nos offerece de notavel a não ser umas armas que encontramos no fim da primeira folha, as quaes são for-



O NOVO ESTABELECIMENTO BALNEAR E HYDROTHERAPICO NO ESTORIL.

(Copia de uma photographia do major sr. Rodrigues dos Santos)

os nomes das pessoas vivas, pela mesma ordem em que haviam de desfilir no sequito, declarando os que levariam habito penitencial, afogueado, mordaca ou carocha ou alguma outra penitencia e os relaxados, para poder dar a cada um, quando os fosse entregando, o que lhe competia, conforme a sentença; outra para o inquisidor encarregado de presidir á entrega dos penitenciados aos que deviam acompanhá-los, a qual era na mesma forma; outra para o meirinho, contendo, além dos nomes dos vivos, os dos defuntos, cujas sentenças tambem se leriam no auto e distincção das abjurações, para no mesmo modo fazer chegar os réos ao logar onde tinham de ouvir suas sentenças e juntar os que houvessem de abjurar em cada abjuração; e outra para os notarios, egual á do meirinho, para que fosse dando por ella os processos aos clerigos leitores das sentenças e as abjurações, a seu tempo devido; e no domingo de manhã mandou-se outra lista por um deputado a El-Rei e outras duas por familiares ao collecter apostolico e ao prelado diocesano.

Preparado tudo, e soando a hora marcada, poz-se em marcha a terrivel procissão: os frades da ordem de S. Domingos com o guião do Santo-Officio; o solidador mais antigo, de vara alçada; alguns guardas dos carceres; um com mordacas para os presos que

sermão que em taes occasiões era da praxe, exaltando a religião catholica, condemnando as heresias e aconselhando para com os réos misericordia; e, acabado o sermão, leu-se do pulpito o edicto da fé e monitorio geral, no qual se incitavam todos, convidados e povo, que immensa multidão de povo se reunira na grande praça, a denunciarem as culpas reservadas ao conhecimento do Santo-Officio, de que porventura soubessem.

(Continúa).

RAMOS-COELHO.

OS MANUSCRIPTOS ILLUMINADOS

(Continuado do n.º 569)

Formoso livro de cantochão pertencente ao seculo xvi. Muito bem notada a musica, em trez li-

* O processo de Villa-Real assim o declara, e a lista do auto da fé dá n'uma nota manuscripta que assistiu El-rei, a Rainha, o Principe e os Infantes. Estes Principe e Infantes eram então: D. Theodosio de dezotto annos, D. Joanna, de dezesseis, ambos fallecidos no anno seguinte, 1653, o primeiro seis mezes e o segundo onze depois do auto, D. Catharina, mais tarde rainha de Inglaterra, de quatorze, e D. Affonso e D. Pedro que vieram a ser reis, um de dez e outro de quatro.

madras por uma corôa de folhas, talvez de louro verde, com bagas vermelhas. Circunscripto n'ella um losango equilatero: postas em cruz, n'um campo de prata limitado pelo losango se encontram as quinas e postas em quadrado se vêem quatro castellos dos lados d'este brazão, duas letras um ^{CA}F e um ^{CA}E.

A encadernação, d'este volume, bastante damnicada, deixa perceber artisticos lavrados em estreitas faixas, medalhões com bustos de guerreiros, etc.

As capas tem prégos de metal.

Livro das festas novas. Grande manuscripto, em papel formato maximo. E' mui grosseiramente illuminado, perfeita decadencia. Comtudo lemos no frontespicio:

«Livro que mandou fazer á muito illustre Sr.^a D. Eugenia Jacinta de Vascos D. abbadessa deste Real Mosteiro de Lervam na era 1749.»

É encadernado em couro com dourados.

Livro segundo das festas. Livro de cantochão



UM HAREM TURCO

feito em 21 de dezembro de 1629. Compreende dez festas.

É um grosso volume em pergaminho maximo e com algumas letras ornamentadas. Tinha fechos de metal, e tem ainda alguns pregos, nas capas, cujas são em forma de gomos.

Livro terceiro das festas. Livro em pergaminho, de folha maxima, e cuja capa de couro lavrado tem oito bellos cantos de metal em que se vê a cruz de Christo. É do seculo XVI e as primeiras folhas foram substituidas por outras de papel.

É muito irregular na escripta e nas letras ornamentadas é grosseiro.

Livro das Kalendas e Santa Regra do N. P. S. Bento. Merece citar-se como perfeição de calligraphia, pois que é de muito boa letra e grande.

As illuminuras restringem-se ás letras capitaes e são grosseiras. O pergaminho é finissimo. Deve pertencer ao seculo XVI.

Livro das Kalendas e Santa Regra do N. P. S. Bento. É de muito menor formato, um quarto grande, que o antecedente e o pergaminho é menos fino e as illuminuras são insignificantes. É do seculo XVI.

Livro dos hymnos. É de pergaminho. Attribue-se ao seculo XVI. Tem um frontispicio tambem illuminado feito em papel a substituir o de pergaminho que lhe falta. As illuminuras são poucas e grosseiras e o frontispicio apesar de muito mais moderno, só tem de bom o desenho de figura. Os ornatos são muito grosseiros e as côres muito ordinarias.

Capitulos e collectas que não tem o breviario feito no anno da encarnação de 1504, por Frei Thomé, capellão do Mosteiro de Lorvão por ordem de D. Margarida Coelho, monja do mesmo mosteiro. É de letra muito variada, por vezes magnifica e quasi sempre boa e o que acima dissemos se vê escripto a vermelho na penultima folha. Está fortemente encadernado, com fechos de metal.

Procionario. Livro de cantochão nas procissões, acabado em 12 de março de 1509. Está completo este manuscrito e a sua escripta é boa mas nada offerece de notavel. A notação da musica é já em cinco linhas.

Livro da paixão de Christo, o qual começa assim pelo titulo: *Em q dia padecceo o Snõr jhu xpo.*

Manuscrito em pergaminho, formando um volume em quarto escripto com linda letra e com as capitaes illuminadas, terminando com uma cruz com cravos, miniaturada na ultima pagina.

Veem-se n'este manuscrito algumas notas a comental-o dizendo quasi invariavelmente: «*não tem fundamento,* e uma d'ellas, verbéra o termo infamante e indecente do redactor que chama á cruz uma *forca.*

Supponho fosse feito este livro nos principios do seculo XVI; porém as notas são muito mais recentes, talvez do seculo XVII.

Psalterio. É um manuscrito em folhas maximas de pergaminho, com preciosas illuminuras sobre fundo de ouro brunido, ouro d'um brilho imarcesce.

É escripto a duas columnas com as capitaes ornamentadas. Tem uma capa de pergaminho, e faltam-lhe as primeiras e as ultimas folhas. Foram cortadas.

Supponho que este codice pertença ao seculo XVI.

As illuminuras são muito finas e grande subsidio prestam subjectivamente a trajos seculares. Uma d'ellas representa um sineiro percutindo o carrilhão com dois martellos. Outra tres, religiosas a cantarem, e a ultima parece que é um religioso ensinando doutrina a um joven.

É rico, muito correcto no desenho e muito é para lastimar as faltas que tem.

Livro das missas dos comuns. Manuscrito em pergaminho bastante damnicado. As suas illuminuras valem pouco. É um dos muitos livros de cantochão do seculo XVI. As capas eram de madeira, e uma já está partida.

Ha um outro exemplar, mas em melhor estado.

Livro de missas. Manuscrito em pergaminho de escripta grosseira e ordinarias illuminuras. É um livro de canto-chão e supponho pertença ao seculo XVI. Mencionamol-o por fazer parte d'esta collecção de que vimos tratando.

Ceremonial do mosteiro de Lorvão. Impõe-se nos este manuscrito mais pelo seu valor historico que pelos elementos artisticos que d'elle queiram obter.

Escripto em magnifico pergaminho feito em 1547 não são muitas as letras illuminadas e ha poucas que tambem o sejam a duas ou tres cores: vermelho, azul e preto.

Trata do ceremonial para receber as noviças, segudo a ordẽ de cister.

Em estudo especial publicaremos aqui, no

OCCIDENTE, um de pretencioso trabalho que será um subsidio para estudiosos.

Esse trabalho está já escripto e tem por escripto um completo resumo d'este Ceremonial.

Martyrologio ou Lendas dos Santos. Notavel codice da segunda metade do seculo XII. Faltam-lhe muitas folhas. Contem actualmente 218 folhas a duas columnas escriptas em letra caracteristica. Não tem principio, nem fim, e além de lhe terem sido cortadas diferentes folhas, soffreu tambem mutilações nos logares onde provavelmente existiam vinhetas ou illuminuras. As existentes são de desenho original porém muito faltas de colorido.

Este codice parece ser um dos seis, em que o monge Ruggero dividiu a sua compilação, e de que existiam copias em muitos mosteiros da ordem de Cister. Fr. Fortunato de S. Boaventura no seu *Commentariorum de Alcobacensi mrtorum, bibliotheca libri tres*, pag. 236, e na pagina 254 falla d'esta obra, lamentando a falta de um volume pois que só encontrou cinco. Julgamos que o presente seria esse que Fr. Fortunato suppoz perdido.

No estado em que se acha, o manuscrito começa no fim da lenda Sanctiago, que era a quarta, e acaba com a de S. Clemente.

Leccionario antigo codice manuscrito em papel e que principia: *De Sancto Stephano Secundum Matheum. In illo tempore.* O seu formato é o de folio grande e a sua escripta e illuminura é grosseira. A capa é de magnifico couro com lavrados, e tem dez pregos de metal. Teve cantos e fechos. É do seculo XVII.

Livro da Semana Santa. Responços. Livro de cantochão, escripto em papel e com letras pintadas a oleo. É extremamente grosseiro. Faz parte d'uma collecção de seis: os quaes são todas no mesmo genero apresentando-nos simplesmente a novidade das letras illuminadas a tinta d'oleo, as quaes são douradas em fundo vermelho.

É obra do seculo passado. Uma nota: Na capa do livro que é forrado de papel pintado, vê-se um grande medalhão representando a estatua de D. José, e que é um valioso documento da industria portugueza. É em claro-escuro azul.

Livro dos responsos. Exemplar semelhante ao antecedente, porém mais valioso pela seguinte nota:

A muito honrada e virtuosa ennobrecida em virtudes Inês Lourenço Machado, mandou fazer este livro á honra de Deus e dos seus santos para serviço do mosteiro de santa Maria de Lorvão. Feito na era do nascimento de mil quat-ocentos e cincoenta e um annos pelo dito livro deu dois marcos e meio de prata.

Livro dos Foros. Este livro, do seculo passado, tem no frontispicio uma illuminura do tamanho de toda a pagina que sendo grosseira nos ornatos o não é na figura.

Vê-se uma virgem de mãos postas sabindo d'um lyrio, é um verdadeiro encanto de formosura.

Em folio grande e em papel, ha um outro exemplar; cuja illuminura só differe que tendo na primeira dois santos aos lados da virgem, n'esta são duas freiras. L' o *tombo da villa de Esgueira e os seus arredores.*

VI

OS LIVROS DA ORDEM DE CHRISTO

Citámos o ultimo manuscrito que nos faltava mencionar da riquissima collecção de Lorvão existente na Torre do Tombo e passamos agora, aos celebres livros de Thomar.

Livro das Escripturas da Ordem de Nosso Senhor Jesus Christo. — Dois monumentaes volumes que embora mandados escrever em pergaminho por D. Sebastião, apresentam as armas de D. Manuel. Isto se vê dos cantos em metal que fortalecem a encadernação.

É um primor de escripta, e tem na primeira pagina um frontispicio illuminado.

São muito correctas todas as letras illuminadas. Bello desenho e côres formosas, e estes dois grandes manuscritos são tanto mais para admirar, na sua grande perfeição e belleza artistica, quanto é certo haverem sido feitos n'uma epoca em que a imprensa, já muitissimo adiantada, substitua estes primores.

Cada volume tem cerca de 200 folhas de magnifico pergaminho.

Um antigo codice, seculo XV. Tombo da Ordem de Christo, incompleto, tem as letras capitaes illuminadas e é escripto com boa letra.

Falta-lhe mais de metade, a numeração começa CRRRVJ, o que accusa cento e trinta folhas de falta.

Em folio grande.

O segundo volume é o *Tombo dos bens e ren-*

das. Os cantos de metal representam umas se-reias.

N'outros archivos encontrámos, livros pertencentes á Ordem de Christo, assim quando tratarmos da Bibliotheca Nacional fallaremos d'alguns manuscritos que pertenceram ao convento de Thomar.

Terminando, diremos que, se agora, uma noticia tão circumstanciada podémos offerecer aos leitores, essa fineza devemos ao ex.^{mo} sr. José Basto, director do Real archivo da Torre do Tombo que, com a maior gentileza e boa vontade nos franqueou os manuscritos preciosos que enunciamos.

É da maior justiça lavrar aqui tambem ao ex.^{mo} sr. coronel Ignacio de Brito Rebello, um dos mais notaveis escriptores d'esta revista, os nossos mais profundos agradecimentos pela honra e alto favor que nos dispensou dirigindo-nos e auxiliando-nos nas nossas buscas e investigações.

E assim acabámos de enunciar as preciosidades nacionaes, no archivo da Torre do Tombo.

(Continúa.)

ESTEVEZ PEREIRA.

RECORDAÇÕES DA GUERRA PENINSULAR

I

UMA JORNADA NOCTURNA

Encetamos hoje a publicação do primeiro de uma série de fragmentos, extractos de um curioso quanto interessante livro, intitulado: *Peninsular Sketches* (Bosquejos peninsulares). Seu auctor, o coronel Maxwell, irlandez, veterano do exercito aliado, escreveu ainda outras obras, pouco lidas, aliás, em Portugal, quasi todas mais ou menos referentes a essa memoravel epopeia da guerra peninsular, e occupando lugar distincto na litteratura militar d'este seculo.

A guerra que, durante alguns annos, anteriores á queda de Napoleão, assolou Hespanha e Portugal, deu origem e um sem numero de aventuras, ignoradas muitas d'ellas, porém surprehenderes, e tão palpitantes de interesse como as mais celebres de quantas lograram passar ao dominio da historia.

Narradas hoje, algumas, parecem devaneios de romance, e são escutadas ainda, vezes sem numero á lareira, durante os compridos serões do inverno, muito mais nas aldeias da França, que nas da propria Inglaterra. Devemos, porém, lembrar-nos que os officiaes francezes pizavam sólo inimigo; encontravam-se portanto, a cada passo em lances perigosissimos, de que não tinham a receiar-se os inglezes; e quando, ou por errarem caminho, ou por qualquer outra circumstancia, se viam isolados dos seus companheiros de armas, só conseguiam escapar ás ciladas e ás traições, valendo-se de engenhosos ardis. Alguns que lograram furtar-se a vinganças e represalias atroztes, devem unicamente a vida á muita astucia ou a extremada valentia.

As seguintes paginas historiam as aventuras, e quem sabe se o providencial livramento, de um official britannico, que serviu, na qualidade de cirurgião militar, no exercito aliado, durante o periodo a que nos referimos.

Não offerecerá talvez a sua leitura nem a intensidade de acção nem o interesse, que encontramos na maioria das que ficaram memoradas nos livros; mas estou certo que não deixará, ainda assim de ser grata a esses poucos que conservam vivas recordações das campanhas peninsulares.

Em novembro de 1812, se a memoria me não falha, estava eu de serviço ao hospital de Castello Branco, cidade da provincia da Beira, no reino de Portugal. Convalrescia apenas de uma prolongada doença: um ataque de cholera, complicado de febres intermitentes e, ainda por cima uma ophtalmia.

O quartel general estava, por aquella epoca, em Hespanha; e os unicos médicos militares que tinham ficado em Castello Branco eram Mr. Maclean, facultativo da guarnição, Mr. Kearney, assistente do hospital, e este vosso humilde creado. Recebi ordem de acompanhar um comboio de doentes e de feridos, que devia marchar para Abrantes. Seriam ao todo cincoenta ou sessenta, alguns iam em carros de bois, outros em mulas e a pé os poucos que podiam andar.

A parte a minha auctoridade, toda esta gente

era apenas commandada por um sargento, — notável beberão e muitíssimo relaxado. Rompemos a marcha ás seis da tarde e mal teríamos chegado ao extremo da cidade, quando Mr. Kearney (ao qual, se ainda fôr vivo e tiver conhecimento d'estas linhas, ellas, sem duvida, lembrarão o facto) nos appareceu á janella e exclamou: «Olá! Bradley, eu vou jantar — a ucharia do costume, o caldo da ração de carne, adubado com tomates — suba um instante, sequer ao menos, para aquecer o estomago, engulindo á pressa um prato de sopa.

Fazia frio a valer e, attendendo a que o meu precario estado de saude me não permitia alimentos de mais substancia, accitei de bom grado o convite e dei ordem ao sargento que fosse indo adiante com as tropas. Decorrida meia hora despedi-me do meu collega e amigo, montei a cavallo e voltei costas, de vez, a Castello Branco, terra que me não deixava saudades, pois nunca ali experimentára senão contrariedades e doencas.

A estrada, logo ao fim da cidade, bifurca-se: a que com ella entronca vae para a Sarnadas; a outra não sei aonde. Não me devia ser extranha a de Sarnadas que eu tinha já percorrido, vindo d'aquella povoação para Castello Branco. Infelizmente, porém, o meu impedido, um rapazinho de 16 annos, por nome João Rodrigues, que conhecia o paiz a palmos, seguira para diante com a tropa, e eu, depois de hesitar um momento, tomei pela estrada que me ficava á mão esquerda. Tinha já andado um bom bocado e ia me parecendo estranho não ter encontrado ainda a caravana. Nem um só momento, porém, me passou pela ideia voltar atraz, e assim fui caminhando até que principiou a escurecer.

Percebi afinal que me enganára no caminho, e recordando-me que tinha passado por uns casé-bres, retrocedi e tornei a percorrer um bom pedaço de estrada para ver se podia colher alguma informação.

Como, porém, não fosse facil distinguir á primeira vista se haveria moradores no tal pardeiro, bati e tornei a bater: —ninguem me respondeu; d'onde conclui que não era habitado. Puz-me a considerar qual seria mais assertado, se voltar pelo mesmo caminho até ao entroncamento das duas estradas, se percorrer de novo a estrada apenas até ao ponto do qual acabava de retroceder. Decidi-me, afinal, por este ultimo alvitre. Apeei-me, e levando a egua á mão, andei umas tres ou quatro milhas; tomei depois por um campo, á esquerda, que nem tinha sêbe nem valado que o separasse da estrada. Abriguei-me a uma arvore, e saltando a redea á egua, deixei a pastar á vontade. Veio-me, no entretanto á idéa que o logar não seria dos mais seguros, e que se acaso por ali apparecessem, o que não era impossivel, alguns meliantes a sondar a estrada, não lhe passaria despercebida a minha presença e poderiam tentar qualquer acto de violencia, no intuito de me roubarem.

Mudei de pouso, indo procurar abrigo debaixo de outra arvore que ficava um tanto mais distante da estrada — e não sei dizer ao certo qual fosse o meu sentido, pois não podia ignorar que para romper o dia faltavam ainda algumas horas. A fome apertava comigo, e tambem com a pobre da egua, a julgar pela soffreguidão com que se atirava a tudo que lhe ficava ao alcance.

Comecei a sentir calafrios, primeiros ameaços de uma sessão, e escusado será dizer, que o frio fez esquecer a fome. Ergui-me, deitei a correr, a saltar, esperando em que o movimento quebraria talvez a força ao accesso. E de facto, assim foi. Entrei pouco a pouco, a aquecer, e em breve a transpiração deu-me signal de que a sessão tinha chegado ao seu termo.

Não era, felizmente, das mais fortes, e portanto, não fiquei em estado de tamanha prostração como costumava.

Puz-me a considerar que estava ali perdendo o meu tempo, e, mais uma vez, metti a egua á estrada. Teria talvez percorrido tres ou quatro milhas, quando reparei que chegara á arraigada de um monte. Galguei-o em toda a altura e attingindo á cumeada parei, olhei em redor e lobriguei a cincoenta ou sessenta jardas, á direita da estrada, um casarão que muito me fez lembrar uma granja ingleza. Junto ao edificio, á roda de uma fogueira, divisei cinco ou seis soldados portuguezes. Bradei e tornei a bradar, sem que conseguisse distrahir lhes a attenção; até que afinal, um d'elles destacando-se do grupo veio andando muito de seu vagar ao meu encontro. A distancia de tres ou quatro jardas, fez alto, e desembainhando a espada, perguntou-me o que queria eu.

Era de cavallaria; — um alentado latagão, cujo porte e má catadura infundiam um certo respeito.

A noite, escura como breu; eu, sósinho e demais a mais formando como aliás quasi toda a officialidade do exercito britannico (um triste conceito dos portuguezes da infima classe) achei que era prudente precaver-me contra algum attentado, dando-lhe desde logo a perceber que qualquer tentativa hostil da sua parte não ficaria decerto impune.

A cautela, fui-o conservando sempre em respeito, e perguntei-lhe, em tom de mando, qual o caminho para Sarnadas. Não me soube informar, mas disse-me que os seus camaradas e elle vinham escoltando munições para o exercito, que tinham armazenadas na tal granja ou curral. Não era o aspecto do melcatréfe dos mais azados a inspirar confiança: — alto, espadaúdo, tão tisonado do rosto que parecia mesmo um preto, e com umas enormes barbas que lhe chegavam ao estomago. Disse-lhe que vinha commandando um regimento inglez, o qual ia em marcha para Sarnadas, e ficara postado lá em baixo, ao pé do monte.

Fui-lhe, pelo sim pelo não, insinuando a proximidade do regimento, no intuito de o acobardar, caso intentasse investir comigo; e dei-me por commandante por me parecer plausivel que, embora tanto elle como o resto da cafila fossem muito capazes de desatender qualquer militar de patente inferior, de certo hesitariam em atacar um official, cuja presença á testa do regimento era indispensavel; e que não ignorariam que a força em caso algum romperia a marcha, na ausencia do seu commandante. Em quanto supoz que eu viéra sósinho, dirigiu-me successivas perguntas que me fizeram desconfiar: — se vinha só; se tinha meios para pagar a um guia — etc. Assentei que convinha ver-me livre d'elle o mais depressa possivel e, n'esse intento fiz ladear a egua.

Ao dar a volta afigurou-se-me que ouvia brandir no ar o espadão. Confesso que não foi pequeno o meu susto; conscio, porém, que não era a occasião azada para lhe mostrar medo, indireitei para elle a cabeça da egua dei-lhe em tom de commando varias ordens relativas aos generos que tinha a seu cargo e fui sempre recuando a egua, e dando-lhe a frente, até que cheguei á testada do cabeço por onde viera. Quando me achei a distancia razoavel voltei-me para elle e bradei-lhe: Ora viva, senhor! e mettendo esporas á egua, galguei a todo o galope a descida.

Claro estava que nada adiantaria voltando pelo mesmo caminho, e resolvei portanto encurtar a distancia; voltei á esquerda e enfié por uma azinhalga que me pareceu ter seus geitos de ir parar a algures. Não tardou porém muito que não principiasse a dizer mal á minha vida: — era tão estreito o carreiro e por forma tal emmaranhado de silvas que a egua só a muito custo podia romper. De espaço a espaço tão precipitada ia a descida que mais de uma vez estive a ponto de perder as estribadeiras; até que, sem que eu desse por tal, achei-me de repente á beira de um despenhadeiro, e se não fossem a vista segura e o optimo instincto do animal, ali teríamos de certo acabado ambos, de vez. Em taes apertos não havia a hesitar: — voltei para traz, e depois de ter caminhado por muito tempo ao acaso, já por apertadas veredas, já por atalhos mais desempedidos, vim parar ás margens de um rio, assaz largo; mas, por mais que cogitasse, não fui capaz de me lembrar qual dos confluentes do Tejo tinha na minha frente. Apeei-me por não poder resistir por mais tempo ao cansaço, sentei-me sobre um penêdo, e creio que passei pelo somno. Quanto não lastimei, n'aquelle instante, não ter ali á mão uma d'essas capellinhas que tanto abundam á beira das estradas portuguezas! Creio bem que não haveria official que militasse na Peninsula que se não recorde d'essas capellas, ou, mais propriamente os oratorios, que tão espalhados viamos por quasi todas as provincias do paiz. Terão, quando muito, cinco jardas de comprido, por quatro de largo; dentro ha apenas um pequeno altar com um crucifixo. É ali que os camponeses devotos, e mesmo aquellos que o não são, vem ajoelhar a todo o momento: uns, rezam a pedir perdão dos peccados commettidos; outros dos que possam commetter. Como a porta das taes ermidades fica sempre aberta, qualquer d'ellas, nos transes em que me via, ser-me hia optimo conchego para o restante da noite; infelizmente, porém, seriam seis horas da manhã quando topei com a primeira, e já então pouco ou nada me podia aproveitar. A anciedade e o desanimio apoderaram-se completamente de mim n'aquelle instante. Com quanta impaciencia almejava por ver ruir o primeiro clarão da madrugada! Com que ardente fervor imploré a protecção d'aquelle que presta sempre ouvido attento á prece sincera, muito embora lhe seja dirigida pela mais humilde das suas creaturas. Em seguida, cavalguei outra vez no meu paciente quanto

esfaimado rocim; enderecei por um carreiro, em direcção ao caminho percorrido, na esperança, sequer ao menos, de ir parar a qualquer ponto differente. Ao cabo, pr'ahi de meia hora, vim dar a uma estrada larga, metti a egua a passo, e tendo andado já um bom pedaço, divisei, para além de um estreito campo, o clarão de enorme fogueira. Conjecturando que estava por ali gente, chamei com quanta força tinha. Passados alguns minutos vi um vulto que atravessou o campo e caminhou ao meu encontro. Era um velho. Estavamos separados um do outro pela sêbe pouco elevada, que resguardava a fazenda — coisa aliás desusada por aquellos sitios.

Roguei-lhe que me deixasse aproximar da fogueira, a ver se aquecia os membros regelados — Recusou. Pedi-lhe se me arranjava de comer — Negou-se: e negou-me ainda uma pouca de palha para a egua. Indignado exprobei-lhe a quebra de hospitalidade: a má sombra que mostrava a um official do exercito inglez, d'esse exercito que viera a Portugal para o ajudar na expulsão de um inimigo tão cruel quanto desalmado; e fiz-lhe ver que, a elle como a todos os seus contemporaneos incumbia o dever de nos prestar auxilio e de nos acolher com sympathia. Palavras perdidas! Ora, eu trazia a espada na mão, e vinha tão irritado da prolongada doença e da noite mal passada que me custou a conter-me, para ensino, lhe não atirasse um bom gilvas. Como, porém, durante o colloquio com o alarve, lobrigára mais tres ou quatro vultos á roda da fogueira, moderei o impeto á colera e optei pela prudencia. Em desabafo da raiva, mimoseei o bruto com uma boa meia duzia d'esses sonoros epithetos em que tanto abunda a lingua portugueza, e que exprimem com tamanha energia o odio e o desprezo, se acaso são compatíveis esses dois sentimentos.

Virei as costas áquelle selvagem e eis-me de novo, qual solitario peregrino perdido por essas estradas fóra. Sequer ao menos esta era larga e plana. Tertia caminhado obra de umas tres ou quatro milhas, quando ouvi ladrar cães, ao longe. A medida que ia adiantando caminho, os latidos augmentavam: — o rumor das ferraduras, retinindo na terra ressequida da geada, espertava a vigilancia dos cachorros — A direita, nas encostas dos montes vinha reflectir-se o clarão de uma fogueira — de certo estariam por ali acampados alguns almocreves hespanhoes.

(Continúa)

Spertator.

O ESCULTOR QUEIROZ RIBEIRO

Com o prazer que sempre me causa o apparecimento d'um novo cultor da arte, vou tratar do escultor Queiroz Ribeiro, que, com a exposição de alguns trabalhos seus, no salão da livraria Gomes, se apresenta ao publico.

Ainda ha bem poucos annos este rapaz, que pertence a uma nobre familia do Minho, passava descuidadamente o seu tempo pelos arredores de Ponte de Lima, bello logar na verdade para crear imaginações d'artista. Possuidor de bens de fortuna que lhe permitiam dispôr á vontade do seu tempo, naturalmente sonhava, como os rapazes sonham aos vinte annos, com muitas cousas bellas e intangiveis; a visão da arte de certo o sobresaltou por vezes acenando-lhe para um caminho de que elle desconhecia as veredas.

Um dia, em Vianna, na escola industrial, n'uma visita ao modesto professor e talentoso estatuario Seraphim das Neves, discipulo e auxiliar do grande Soares dos Reis, encontrou-o trabalhando n'um busto a que eu servia de modelo e me era dedicado, trabalho de bastante merito e primorosa execução. Queiroz Ribeiro esteve a vê-lo trabalhar, e a visão da arte appareceu-lhe de novo, mas d'esta vez o caminho a seguir pareceu-lhe claro. Pouco tempo depois vi um busto do general Mesquita de Carvalho, executado por Queiroz Ribeiro, com toda a imperfeição e incorrecção de quem não tinha a menor noção de desenho, mas animado por uma expressão que indicava existir no seu auctor um temperamento d'artista.

Os elogios feitos ao seu inconsciente trabalho resolveram Queiroz Ribeiro, em 1892, a ir estudar para Paris, e foi dos felizes que chegam, veem e vencem, pois já em 1893 o vemos admittido no Salon com uma — *Cabeça d'estudo* — trabalho em gesso, revelando qualidades. Este anno abre-se-lhe de novo o templo da arte, e são-lhe accites os dois bustos em bronze, que se acham expostas, — *Romano* — e a cabeça de — *Christo, flet, orat, obit* — que revela arrojado até mesmo pelas linhas desproporcionadas e incorrecções anatomias d'onde o artista consegue tirar partido.

N'este pouco tempo d'estudo frequentou a es-



O ESCULTOR QUEIROZ RIBEIRO NO SEU ATELIER

cóla das artes decorativas de Paris, a academia Julien com o professor Puech, na escola de bellas artes o atelier Barrias, e tem estudado anatomia com Mathias Duval. Os seus trabalhos apresentados ao publico em Paris não passaram tão despercebidos que não obtivessem algumas palavras benevolas e animadoras de Charpentier, Charles Jacqaut e Ernest Dubois.

Os que visitando a exposição na livraria Gomes, analisarem os bustos de Queiroz Ribeiro, reconhecerão que, adquiridas a perfeição de desenho e a firmeza d'execução que só o aturado estudo e a practica do trabalho podem dar, será este um artista cujo merito occupará um distincto e honroso logar. A cabeça do Christo, que chora, reza e morre, sem ter a expressão de uma divina nobreza, accusa uma verdadeira e pungente dôr, a dôr intima e inconsolavel do innocente que resignado soffre. O busto do romano, mais correcto, é tambem mais conscienciosamente executado, tende menos ao effeito, mas revela mais persistencia em frente do modelo e tem bastante caracter.

Felicitemos Queiroz Ribeiro por em tão curto periodo nos apresentar estas talentosas provas da sua vocação artistica, que nos permitem esperar d'elle muito. Tem apenas vinte e quatro annos, vontade audaciosa, innegavel talento, e, tambem, a felicidade de poder tranquillamente entregar-se ao estudo e ao amor da arte. Se proseguir, como até aqui, um bello futuro o espera, cheio d'applausos e da nobre satisfação que devem sentir todos aquelles que pelo trabalho honram o nome da sua patria.

B. Sesinando Ribeiro Arthur.



REVISTA POLITICA

O em regra é uma questão morta por mais que a opposição puche por ella, no parlamento e na imprensa.

Depois que o sr. Baptista de Andrade, o official mais graduado da armada portugueza, aquelle que merece dos seus camaradas a maior consideração, se deu por satisfeito com as explicações, que, na camara dos pares pediu ao governo e lhe foram dadas pelo sr. presidente do conselho, parece-nos uma prefeita friuleira inoestir no em regra sob pena de serem mais papistas que o papa os que se entretem a discurrir tal assumpto.

Para atacar o governo parece-nos pouco, para uma opposição que diz ter tanto por onde lhe fazer brecha, e só a desorientação em que tudo anda pôde explicar a furia com que essa opposição se agarrou ao em regra, fazendo expiar ao sr. dr. Antonio Candido a sua falta, mandando-o quebrar lanças na camara dos pares por esta questão de *Caput mortuum*.

E ao passo que na camara alta se perde o tempo com estas friuleiras, esgotando-se torrentes de rhetorica, palavras sem a menor utilidade, em que não ha uma unica idéa practica, nem elevação politica, passa quasi despercebido o que se está passando em Lourenço Marques, e quasi parece indifferente á camara as providencias que o governo deu para socorrer aquella possessão portugueza, tão cubçada pelos estrangeiros e tanto em risco de se perder.

O em regra é que é tudo; é n'elle que está a salvação ou perdição da patria!

Quem, francamente, pôde acreditar na sinceridade e convicção de uma opposição assim?

E' n'estas occasiões que nos applaudimos pela nossa insenção de politica partidaria, sentindo-nos preferentemente á vontade para apreciar-mos imparcialmente os actos do governo ou da opposição.

A opposição desauthorisa-se completamente pela forma por que se está conduzindo no parlamento, e se vae por este andar, consegue exactamente o contrario do que parece desejar, e dizemos parece por que temos duvida que ella queira succeder ao governo.

Creemos bem que não ha governos impecaveis e que todos commettem erros por que podem ser senurados e attaccados. A's opposições corre o dever de conhecer d'esses erros, de os estudar e de por elles atacar o governo que os commette, funda-

mentando os seus ataques, com razões que mostrem superioridade sobre os adversarios.

Quando não procedem assim, são opposições banaes, que provocam o riso ou a compaixão, e levam ao publico a convicção de que todos valem o mesmo, agressores e agredidos, quando não ficam ainda em posição inferior.

O que se tem escripto na imprensa, no interregno parlamentar, fazia prever que no parlamento a opposição empregaria as suas melhores armas para combater o governo, mas pela amostra que deu nos 20 dias a que as camaras estão abertas, as armas são muito semilhautes ao sabre do general Buom, que no ardor da peleja se transformou em um saca rolhas.

Much ado about nothing.

O publico, que, em geral, não se interessa nada por estas questões parlamentares, interessou-se muito mais pelos acontecimentos de Lourenço Marques, incluindo o nosso alfayate, que, ha treze annos, quando em toda Lisboa se não fallava em outra coisa que n'aquella colonia d'Africa, nos perguntou muito intrigado.

—Mas quem é este Lourenço Marques que dá tanto que fallar!?

Agora já toda a gente sabe quem é o Lourenço Marques e toda a gente achou acertadas as providencias que o governo tomou, e todos elogiam o ministro da guerra pela promptidão com que organisou a primeira expedição de tropa, que partiu para aquella possessão, a bordo do *Cazengo*, no dia 15 do corrente.

Effectivamente a presteza com que se apromptou e seguiu viagem a expedição militar, mostra que não tem sido improficuo o trabalho do sr. Pimentel Pinto, ministro da guerra, em organizar, disciplinar e elevar o nivel do nosso exercito, que, diga-se a verdade andava muito descuido n'estes ultimos annos.

Não podia ser mais eloquente a fôrma porque o sr. Pimentel Pinto respondeu á opposição ridicula que alguns jornaes lhe estavam fazendo, porque respondeu com factos a essa opposição de palavrado, em que muito especialmente se tem distinguido o *Tempo*, jornal do sr. Dias Ferreira.

Esta opposição do *Tempo* tem uma explicação que nos parece razoavel e é que, na opinião do sr. Dias Ferreira o ministro da guerra não deve cuidar do exercito, e isto prova-se com o ministro da guerra que elle teve durante o seu governo, que não fez nada.

Pelo menos ha coherencia n'este seu pensar. sr. conselheiro!

Mas como nem todos pensam do mesmo modo acontece que o publico ficou satisfeito com a presteza deuzada com que viu apromptar a expedição para Lourenço Marques, e reconheceu que para esse facto se dar é preciso que os serviços do exercito estejam bem organizados, de um modo pratico, que justifique as sommas que esse exercito custa á nação.

Não menos impressionou agradavelmente o publico, vêr a boa vontade, o enthusiasmo até, com que esse honhado de portuguezes foram para alem mar defender um pedaço da patria legado por nossos maiores.

Vê-se que o animo é o mesmo. Questão de raça a quem as aventuras da guerra seduz de preferencia a todos os commodos da vida.

Ainda ha bem pouco se experimentou isso na guerra da Guiné.

Uns duzentos marinheiros bateram-se com milhares de negros e reduziram-nos á obediencia.

Foram ali á Guiné bateram-se e voltaram com a mesma facilidade com que vão a Cacilhas passear pela Outra Banda em alegre burricada.

E a respeito de dados biographicos do sr. ministro das obras publicas, nada de novo.

O *Correio da Manhã* entupiu.

João Verdades.

ALMANACH ILLUSTRADO DO «OCCIDENTE»

Para 1895

Sae brevemente a publico este magnifico annuario para o qual se recebem desde já encomendas na

Empreza do «OCCIDENTE», L. do Poço Novo, Lisboa

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria.

Barata & Sanches, antiga casa Adolpho, Modesto & C^a